

A ESTRUTURA DA PRODUÇÃO NO CAMPO EM 1980*

Angela KAGEYAMA**
Sonia M. P. BERGAMASCO***

RESUMO: O artigo propõe, a partir de tabulações especiais do Censo Agropecuário de 1980, uma tipologia de unidades produtivas da agricultura brasileira, mostrando suas principais características econômicas e sua importância relativa na produção agrícola nacional.

UNITERMOS: Tipologia; unidade produtiva; trabalho familiar; produção agrícola nacional; agricultura capitalista.

1 - INTRODUÇÃO

O processo de modernização e industrialização da agricultura brasileira nas duas últimas décadas provocou profundas transformações na estrutura social de produção do setor agropecuário.

De um lado, a constituição dos complexos agroindustriais ensejou o aparecimento de categorias específicas de produtores mais ou menos integrados nesses complexos; de outro, a continuidade do processo de valorização fundiária e, em muitos momentos, da exacerbação dos processos especulativos, com a terra convertida quase em ativo financeiro, garantiu a permanência das propriedades extensivas e especulativas. Paralelamente, as transformações da organização dos processos produtivos, centradas nas mudanças tecnológicas, impuseram a utilização generalizada – em termos regionais e de tipos de unidades produtivas – de força de trabalho assalariada, notadamente sob forma temporária, ao longo do ano agrícola.

* Este trabalho é uma reelaboração do artigo *Novos dados sobre a produção familiar no campo*, apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, em Piracicaba – SP, de 24 a 28/7 de 1989.

** Instituto de Economia – UNICAMP – 13100 – Campinas – SP.

*** Faculdade de Engenharia Agrícola – UNICAMP – 13100 – Campinas – SP.

A maioria das análises da estrutura de produção da agricultura brasileira, desenvolvida geralmente com dados de década de 70, classifica as unidades produtivas segundo seu tamanho (seja em termos de área, seja em valor da produção ou renda). Em parte, isso se explica pela própria forma de publicação das estatísticas, mas, em parte, também pela tradição de opor o grande ao pequeno, talvez explicável pela nossa herança latifúndio-minifúndio, fato do qual, como se verá, esta pesquisa também não escapou, em certa medida.

Numa primeira etapa, porém, procurou-se obter uma classificação dos estabelecimentos agropecuários segundo uma variável que pudesse refletir possíveis diferenças nas formas de organizar a produção e de valorizar o patrimônio e/ou o capital.

A variável escolhida – que, acredita-se, pode cumprir esse papel – foi a composição da força de trabalho utilizada nos estabelecimentos, com ênfase na distinção entre trabalho familiar (não-remunerado) e trabalho contratado (permanente e temporário).

A partir de uma classificação básica usando essa variável, introduziu-se um segundo critério classificador, baseado na área total e na utilização de tratores. Este segundo procedimento permitiu refinar a primeira classificação, mostrando que mesmo dentro daqueles grupos existe ainda uma grande heterogeneidade.

A metodologia conduziu à estruturação das unidades produtivas em quatro categorias básicas que, desdobradas nos grupos considerados mais significativos, resultaram em oito categorias finais.

O objetivo deste trabalho é caracterizar e avaliar a importância dessas categorias na produção agrícola nacional.

2. METODOLOGIA

A identificação das unidades de produção foi feita a partir de tabulações especiais do Censo Agropecuário de 1980. Essas tabulações referem-se a dois subconjuntos dos estabelecimentos agropecuários: o primeiro, composto pelos estabelecimentos dirigidos por administrador e pelos estabelecimentos que não utilizam nenhum membro não-remunerado da família, foi definido como das “empresas capitalistas”¹.

Eliminando-se do total de estabelecimentos aquele subconjunto, obtém-se o subconjunto de estabelecimentos que não são dirigidos por administrador contratado e que usam necessariamente mão-de-obra familiar.

Este novo conjunto, composto por 3.691.408 estabelecimentos agropecuários (3.688.418 com declaração de área), pode ser chamado de “conjunto das unidades familiares” de agricultura, caracterizadas por serem dirigidas pelo produtor (chefe da família) e utilizarem mão-de-obra familiar.

Mas, conforme indicado antes, é de suma importância apresentar a heterogeneidade da “produção familiar”. O critério aqui utilizado para diferenciar internamente essa categoria

refere-se à presença e peso relativo do trabalho contratado (externo à família), já que se atribui a este elemento um peso qualitativo fundamental que permite definir os diferentes tipos de produção familiar.

Com esse critério, foram separados três tipos de unidades familiares:

i) os estabelecimentos *familiares puros* que não contratam nenhum tipo de trabalho externo à família do produtor. Pelo Censo, foram selecionados para este grupo os estabelecimentos do “conjunto familiar” que não utilizam empregados permanentes, nem temporários (nem em 31 de dezembro nem em qualquer dos 12 meses do ano), nem parceiros, nem outra condição, nem serviços de empreitadas;

ii) os estabelecimentos *familiares complementados por empregados temporários* que, além do trabalho da família, contratam algum tipo de empregado temporário (em 31 de dezembro e/ou em algum mês do ano e/ou empreitadas), mas não utilizam trabalho externo de forma permanente;

iii) as *empresas familiares* que são os estabelecimentos familiares que contratam força de trabalho externa à família de forma permanente (empregados permanentes e/ou parceiros e/ou outra condição), podendo ou não usar empregados temporários.

Como se pode perceber, o critério adotado diferencia a produção familiar segundo o peso relativo do trabalho assalariado (ou contratado) no conjunto da força de trabalho necessária à exploração do estabelecimento. Essa importância relativa está captada pelo caráter temporário ou permanente do assalariamento, quando não de sua ausência, dada a impossibilidade de quantificar os volumes de força de trabalho familiar e contratada, com os dados disponíveis. O suposto implícito na metodologia é que o caráter permanente do trabalho assalariado denota uma dependência maior da unidade produtiva, com relação à força de trabalho externa, do que no caso de utilização de empregados apenas de forma temporária (ou, às vezes, eventual). Assim, a produção agrícola abrange uma gama de unidades produtivas compreendidas entre as “puramente familiares”, isto é, auto-suficientes em termos de força de trabalho, e a produção capitalista, que independe totalmente do trabalho direto da família do produtor.

A análise dos dados desagregados por estrato de área dentro de cada categoria mostrou que pelo menos em três delas existe uma heterogeneidade forte, como é o caso sobretudo do grupo dos capitalistas. Em função disso, foram adotados alguns cortes por tamanho do estabelecimento, bem como um critério relativamente simples para separar as grandes unidades extensivas e/ou especulativas.

As unidades puramente familiares foram separadas em dois grupos: os estabelecimentos com menos de 10 hectares de área total e os de 10 ha ou mais. Essa divisão objetivou, em última instância, separar os *pequenos* produtores familiares propriamente ditos (camponeses pobres) daquelas unidades que trabalham apenas com a família, mas num patamar tecnológico mais elevado (geralmente com mecanização), podendo constituir uma aproximação à categoria dos *farmers*.

Nas empresas (familiares e capitalistas), aplicou-se o corte extensivo/intensivo, visando a separar as unidades produtivas modernas daquelas voltadas a atividades

extensivas, como a pecuária extensiva e o extrativismo, ou puramente especulativas. Definiu-se que os estabelecimentos *maiores de 500 ha sem uso de trator* seriam classificados como extensivos. Esse é, em certo sentido, um critério generoso, já que é perfeitamente possível encontrar unidades extensivas abaixo desse limite. Preferiu-se, porém, trabalhar com um nível de segurança maior, ao tachar de extensivo/especulativo um certo grupo de estabelecimentos. Nesse sentido, julgou-se bastante razoável admitir que uma unidade com mais de 500 ha dificilmente poderia praticar uma atividade agrícola *intensiva* sem nenhum trator.

Ainda no grupo dos capitalistas foi separado o conjunto dos estabelecimentos menores que 2 ha, que, na grande maioria, constituem apenas uma “contaminação” do grupo dos capitalistas, decorrente das definições adotadas. Nesse grupo de pequenos estabelecimentos concentra-se a quase totalidade daqueles que só possuem o responsável computado como “pessoal ocupado”, não configurando, portanto, uma empresa capitalista.

As tabulações especiais do Censo Agropecuário de 1980 que possibilitaram este trabalho foram feitas de modo a obter os valores das diversas variáveis para os quatro tipos básicos de unidades produtivas, por estrato de área total do estabelecimento. As subdivisões dentro dos grupos foram feitas *a posteriori*, tendo sido necessário estimar os valores de todas as variáveis, exceto o número de estabelecimentos, quando o corte adotado foi “com ou sem trator”. As estimativas foram feitas a partir dos valores médios das variáveis observadas por estrato de área para o conjunto do grupo, conforme o caso².

O resultado dos procedimentos adotados pode ser visualizado no esquema da página seguinte.

3. CARACTERIZAÇÃO DAS UNIDADES AGRÍCOLAS

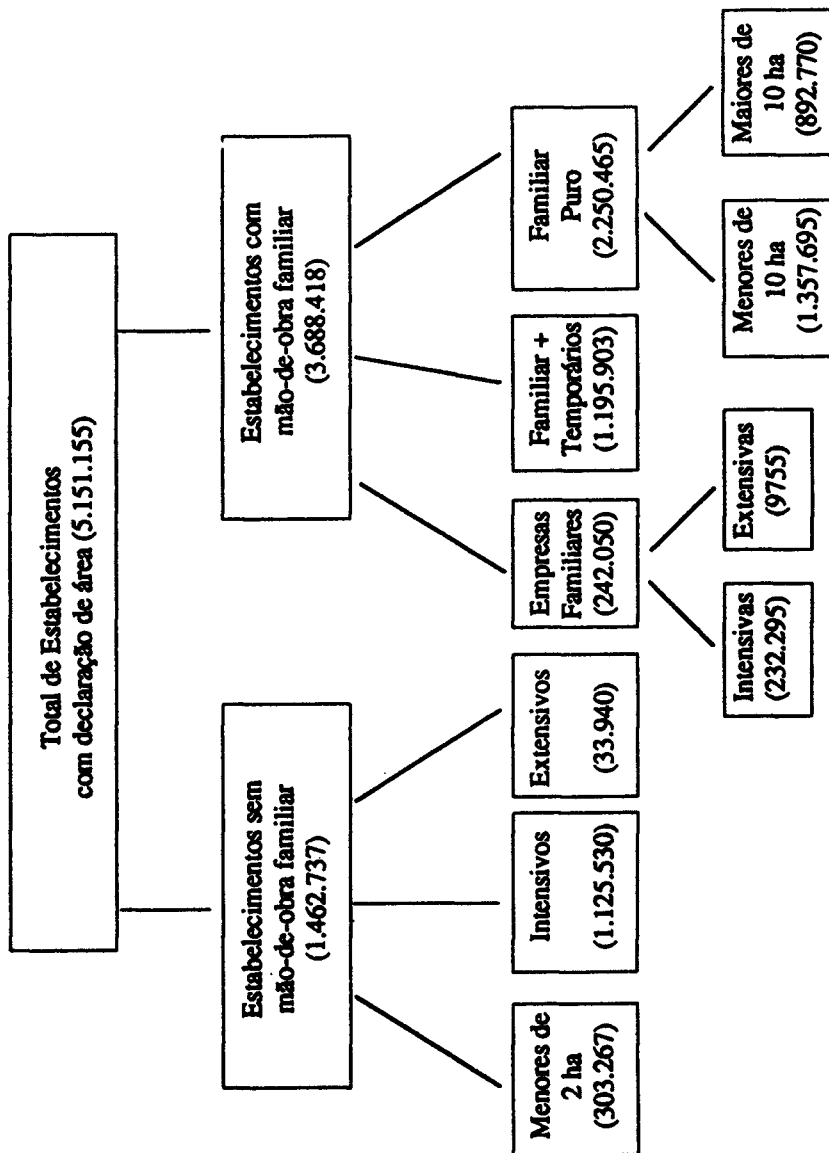
3.1. Pessoal Ocupado

As definições adotadas impõem uma certa configuração da composição da mão-de-obra ocupada nos estabelecimentos. Assim, por exemplo, nos estabelecimentos familiares puros, 100% do pessoal ocupado pertencem à categoria “responsável e membros não-remunerados da família”; nos familiares com uso de empregados temporários, não aparecem empregados permanentes de qualquer tipo; e assim por diante.

Mas, quando são comparadas as empresas e, principalmente, os subgrupos dentro delas, aparecem diferenças substanciais de composição do pessoal ocupado.

A Tabela 1 permite verificar, por exemplo, que embora a composição da mão-de-obra não seja tão discrepante entre os totais das empresas familiares e capitalistas, é bem distinta entre os subgrupos dessas categorias. Na verdade, a razão principal de se manterem separados os dois tipos de empresas reside no valor *absoluto* da mão-de-obra familiar em cada tipo, como se verá com os dados da Tabela 2.

Esquema da Tipologia



As empresas familiares dependem, em grau elevado, de força de trabalho externa à família, pois esta provê apenas 39% dos requerimentos de força de trabalho. Compare-se esse valor com o que aparece no grupo dos estabelecimentos familiares com temporários, onde a família do responsável representa quase três quartos do total da mão-de-obra.

TABELA 1 - Composição da mão-de-obra ocupada, nos estabelecimentos agropecuários, segundo a categoria. Brasil, 1980 (em %)

Categoria	Resp. e Memb.	Empr. Perm.	Parceiros	Outra Condição	Temporários (a)	Empreitada (c)	Pessoal Ocup. Total
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Familiar Puro	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Menores de 10 ha	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Maiores de 10 ha	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Familiar + Temporário	73,7	0,0	0,0	0,0	22,8	3,5	100,0
Empresa Familiar	39,1	24,4	9,0	2,0	17,8	7,6	100,0
Extensivas	21,8	32,0	5,5	0,7	22,3	17,7	100,0
Intensivas	40,5	23,8	9,3	2,1	17,5	6,8	100,0
Empresa Capitalista	28,2	27,1	4,9	0,7	25,6	13,4	100,0
Menores 2 ha	77,2	3,1	0,4	0,6	18,4	0,3	100,0
Extensivas	7,2	40,6	2,8	0,6	23,5	25,5	100,0
Intensivas	27,3	27,1	5,6	0,8	26,6	12,7	100,0
Total Geral (-S/Decl.)	68,3	9,5	2,2	0,4	14,6	5,2	100,0

(a) Média aritmética dos contratados nos 12 meses do ano

(b) Estimado a partir dos gastos com empreitada.

Fonte: Censo Agropecuário de 1980 (tab. especiais).

Existe, contudo, uma diferença marcante entre as empresas familiares intensivas e as extensivas: nestas últimas o peso da família cai quase pela metade (21,8% do pessoal ocupado), crescendo sobretudo o emprego de assalariados permanentes.

No caso das empresas capitalistas, que por definição não usam mão-de-obra familiar, o percentual que aparece para essa categoria (28,2%) representa os responsáveis que dirigem os estabelecimentos e, eventualmente, algum membro da família do administrador. Nos estabelecimentos de menos de 2 ha, o número médio de pessoas por estabelecimento é tão baixo (1,4) que os próprios responsáveis já representam, sozinhos, 77% da mão-de-obra total. Nas empresas capitalistas de tipo extensivo os responsáveis

representam só 7,2% do pessoal ocupado. Nas empresas capitalistas (descontados os estabelecimentos de menos de 2 ha) o emprego assalariado é amplamente predominante (de 67% a 90% do total).

O número médio de pessoas ocupadas por estabelecimento varia consideravelmente entre as categorias de estabelecimentos (de 1,4, nos "capitalistas" menores de 2 ha, até 22 pessoas, nos capitalistas extensivos) e também por categoria de pessoal ocupado.

TABELA 2 – Número médio de pessoas ocupadas por estabelecimento agropecuário segundo a categoria. Brasil, 1980 (número de pessoas)

Categoria	Resp. e Memb.	Empr. Perm.	Parceiros	Outra Condição	Temporários (a)	Empreitada (c)	Pessoal Ocup. Total
Familiar Puro	3,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,8
Menores de 10 ha	3,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,5
Maiores de 10 ha	4,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,3
Familiar + Temporário	3,8	0,0	0,0	0,0	1,2	0,2	5,2
Empresa Familiar	3,7	2,3	0,8	0,2	1,7	0,7	9,4
Extensivas	3,8	5,5	1,0	0,1	3,9	3,1	17,3
Intensivas	3,7	2,2	0,8	0,2	1,6	0,6	9,0
Empresa Capitalista	1,1	1,1	0,2	0,0	1,0	0,5	4,1
Menores 2 ha	1,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	1,4
Extensivas	1,6	8,9	0,6	0,1	5,2	5,6	22,0
Intensivas	1,2	1,2	0,2	0,0	1,1	0,5	4,3
Total Geral (-S/Docl.)	3,0	0,4	0,1	0,0	0,6	0,2	4,4

Fonte: Censo Agropecuário de 1980 (tab. especiais)

Nos três tipos de estabelecimentos familiares trabalham, em média, entre 3,5 e 4,0 pessoas não-remuneradas da família (e responsável), enquanto nos capitalistas esse número gira em torno de 1,0. Esse foi um ponto fundamental na decisão de manter separadas as empresas familiares e capitalistas, pois embora esses dois grupos assemelhem-se em muitos aspectos, o primeiro ainda preserva a qualidade de constituir uma produção *familiar*, no sentido de absorver o trabalho direto de uma família (considerando que 3,7 pessoas representam quase o tamanho médio de uma família rural³). Como se verá em seguida, em termos de escala e desempenho econômico as empresas familiares têm muito mais pontos em comum com os capitalistas do que com as outras unidades familiares⁴. Mas, para efeitos da descrição proposta neste trabalho, a separação será mantida.

Note-se, também, a diferença marcante entre as empresas intensivas e extensivas (independente da categoria, familiar ou capitalista) no número médio de pessoas ocupadas por estabelecimentos. As empresas extensivas – embora incluam muitas áreas puramente como reserva de valor – absorvem, em média, um número muito maior de pessoas por estabelecimento do que as outras unidades produtivas. Isto decorre, fundamentalmente, de sua maior área média, já que a relação pessoal ocupado/ha de área total é extremamente baixa nessas empresas (12 pessoas por 1000 ha) em comparação com as outras categorias e com a média geral (63 pessoas por 1000 ha).

3.2. A Importância Relativa das Diversas Categorias de Estabelecimento

Dos 5,2 milhões de estabelecimentos agropecuários recenseados, nada menos do que 3,7 milhões ocupam mão-de-obra familiar. Esses estabelecimentos ocupam mais de 150 milhões de hectares (42,3% da área total) e nelos encontram-se 74% das pessoas ocupadas na agricultura brasileira (ver Tabelas 3 e 4).

Esses números não autorizam, evidentemente, a concluir que a agricultura brasileira seja majoritariamente “camponesa” ou “não-capitalista”, mesmo porque a utilização de trabalho assalariado é bastante elevada. Mas a questão fundamental é que não se pode tratar a produção familiar como se fosse um segmento autônomo ou guiado por alguma forma particular de racionalidade divergente da que permeia a economia capitalista. Sua particularidade, em relação ao resto da agricultura capitalista da qual faz parte, é depender – em maior ou menor grau – do trabalho direto da família proprietária dos meios de produção. Mas sua “racionalidade econômica” não pode escapar do mecanismo geral vigente na sociedade capitalista, de busca de um excedente da produção. Se esse excedente não pode ser chamado de lucro, por servir apenas para cobrir as necessidades básicas do consumo e do próximo ciclo produtivo, ou se geralmente os pequenos produtores familiares não logram obter esse excedente é outra questão. Ela não nega, porém, a inserção desses produtores no sistema produtivo e nos mercados capitalistas, fato que lhes impõe certas normas gerais⁵, ainda que adaptadas a uma organização familiar da unidade produtiva.

Os estabelecimentos familiares podem ser grandes ou pequenos, tendendo a ser maiores quanto menor a participação da mão-de-obra familiar no total de pessoal ocupado. As empresas familiares aproximam-se das empresas capitalistas, com mais de 1.400 ha de área média no caso das extensivas e mais de 160 ha por estabelecimento nas intensivas. Mas mesmo entre os puramente familiares encontram-se grandes estabelecimentos: cerca de 30% da área total desses estabelecimentos (familiares puros) pertencem a estabelecimentos de mais de 200 ha, estando quase 18% da área total nos de mais de 500 ha. Em termos médios, contudo, o tamanho dos estabelecimentos puramente familiares (21,6 ha) é bem menor que o das outras categoriais.

A importância de cada categoria de estabelecimento na agricultura brasileira pode ser avaliada a partir da Tabela 4.

TABELA 3 – Número, Área Total e Área Média dos estabelecimentos agropecuários segundo a categoria. Brasil, 1980

Categoria	Nº de Estab.	Área Total (HA)	Área Média (HA)
Familiar Puro	2.250.465	48.517.260	21,6
Menores de 10 ha	1.357.695	4.617.139	3,4
Maiores de 10 ha	892.770	43.900.121	49,2
Familiar + Temporário	1.195.903	54.136.208	45,3
Empresa Familiar	242.050	51.507.646	212,8
Extensivas	9.755	13.893.585	1.424,3
Intensivas	232.295	37.614.061	161,9
Empresa Capitalista	1.462.737	210.693.300	144,0
Menores 2 ha	303.267	277.602	0,9
Extensivas	33.940	60.317.889	1.777,2
Intensivas	1.125.530	150.097.809	133,4
Total Geral (-S/Decl.)	5.151.155	364.854.414	70,8
Total Geral	5.159.851	364.854.414	70,7

Fonte: Censo Agropecuário de 1980 (tab. especiais)

As unidades que usam trabalho familiar ocupam pouco mais de 40% da área total, geram 50% do valor da produção e abrigam quase 75% do pessoal ocupado e mais de 50% dos tratores utilizados na agricultura.

Como já foi mencionado, as empresas familiares têm mais características comuns com as empresas capitalistas do que com os demais grupos familiares. Se a agregação for feita a partir dessa perspectiva, isto é, somando as empresas (familiares e capitalistas) – representando majoritariamente o segmento moderno da agricultura⁶ – pode-se concluir que este segmento empresarial é responsável pela maior parte da produção agrícola nacional (66% do total), concentrando quase 70% das receitas totais do setor. Ainda assim, os grupos familiares menores (puros e com temporários) continuam a concentrar mais de 60% do pessoal ocupado total, revelando sua larga importância do ponto de vista social.

TABELA 4 – Importância relativa das categorias de estabelecimentos agropecuários no total da agricultura brasileira em 1980 (em %)

Categories	Nº Estabel. (%)	Área (%)	P. Ocup. (%)	Val. Prod. (%)	Nº Trat. (%)	Receitas (%)
Familiar Puro	43,6	13,3	37,2	17,4	15,4	14,9
Menores de 10 ha	26,3	1,3	20,6	5,6	2,0	5,0
Maiores de 10 ha	17,3	12,0	16,6	11,8	13,4	9,9
Familiar + Temporário	23,2	14,8	26,9	16,2	17,0	15,1
Empresa Familiar	4,7	14,1	9,9	16,0	19,7	16,5
Extensivas	0,2	3,8	0,7	2,0	0,0	2,2
Intensivas	4,5	10,3	9,2	14,0	19,7	14,4
Empresa Capitalista	28,3	57,7	25,9	50,2	47,9	53,2
Menores 2 ha	5,9	0,1	1,8	0,8	0,1	0,8
Extensivas	0,7	16,5	3,3	9,3	0,0	10,1
Intensivas	21,8	41,1	20,9	40,0	47,7	42,2
Total Geral	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Censo Agropecuário de 1980 (tab. especiais).

3.3. Indicadores de Desempenho

Na Tabela 5 apresentam-se dois indicadores que procuram expressar a vinculação dos estabelecimentos ao mercado de produtos finais.

Do ponto de vista da participação da venda de produtos agropecuários (inclusive os beneficiados no estabelecimento) no total das receitas, não há qualquer diferenciação entre as categorias. Em todos os tipos de estabelecimentos essa participação oscila em torno de 97%, isto é, os outros tipos de receitas (serviços a terceiros, arrendamento e aluguel, e outras) são marginais em comparação com a atividade produtiva.

O mesmo não se verifica em relação ao autoconsumo (definido pela diferença entre o valor da produção e a receita da venda de produtos agropecuários). Nos estabelecimentos puramente familiares o “grau de autoconsumo” (autoconsumo/valor da produção) oscila em torno de 25%; nos familiares com temporários, em torno de 18%; já nas empresas familiares e capitalistas atinge valores bem menores (8,9% e 6,5%, respectivamente). Assim, apesar da importância quase absoluta da produção vendida na composição das receitas em todos os tipos de estabelecimentos, a produção para consumo próprio é tão mais importante quanto mais dependente do trabalho familiar é a unidade produtiva. Mesmo assim, note-se que por menor e “mais familiar” que seja o estabelecimento, cerca

de 75% da produção destinam-se ao mercado, refletindo a inserção dessas unidades nos circuitos mercantis.

TABELA 5 - Grau de mercantilização dos estabelecimentos agropecuários segundo a categoria. Brasil, 1980 (em %)

Categorias	Vendas Prod. Agrop/Receit. (%)	Grau.Autocon. (%)
Familiar Puro	96,5	25,3
Menores de 10 ha	95,6	23,0
Maiores de 10 ha	96,9	26,3
Familiar + Temporário	97,0	18,1
Empresa Familiar	97,6	8,9
Extensivas	97,6	6,0
Intensivas	97,6	9,3
Empresa Capitalista	97,4	6,5
Menores 2 ha	97,0	0,1
Extensivas	97,4	4,3
Intensivas	97,3	7,1
Total Geral (-S/Decl.)	97,2	12,0

Fonte: Censo Agropecuário de 1980 (tab.especiais).

Na Tabela 6 apresentam-se alguns indicadores simples do desempenho econômico das categorias. O uso de tratores é acentuadamente diferenciado entre os estabelecimentos. Por definição, as empresas extensivas apresentam valor zero para os indicadores de mecanização. As empresas intensivas, por seu lado, são a categoria com mais alto uso de tratores. Nesse grupo, há uma disponibilidade potencial média de mais de 50 tratores por 1000 pessoas ocupadas, índice mais que duas vezes superior à média geral do país. Em termos de difusão do uso de tratores, as empresas familiares encontram-se bem acima das capitalistas (27,4% e 12,9% dos estabelecimentos com trator, respectivamente), mas não se pode negar que todos esses valores são bastante baixos, numa perspectiva mais ampla.

No grupo dos capitalistas, chama a atenção o baixo uso de tratores nos estabelecimentos menores que 2 ha, já que o Censo incluí aí os tratores pequenos (de menos de 10 C. V.). É possível que muitos desses pequenos estabelecimentos constituam apenas sítios ou chácaras de recreio, apesar de sua declaração como estabelecimento agropecuário⁷.

TABELA 6 – Indicadores de desempenho dos estabelecimentos agropecuários segundo a categoria. Brasil, 1980

Categories	Valor Prod/Ha (Cr\$/HA)	V. Prod./P. Ocup. (Cr\$/PO)	Num. Trat/ 1000P.0.	% Estab. c/Trator
Familiar Puro	5531	31485	9,9	3,3
Menores de 10 ha	18710	18320	2,4	0,8
Maiores de 10 ha	4144	47793	19,2	7,2
Familiar + Temporário	4623	40614	15,0	6,4
Empresa Familiar	4804	109030	47,3	26,3
Extensivas	2246	*	0,0	0,0
Intensivas	5749	*	51,1	27,4
Empresa Capitalista	3675	130347	43,9	10,0
Menores 2 ha	46863	31695	1,6	0,2
Extensivas	2386	*	0,0	0,0
Intensivas	4114	*	54,4	12,9
Total Geral (-S/Decl.)	4222	67282	23,8	7,0

* Informações omitidas por problemas de estimação. Todos os outros valores da coluna não são estimativas.

Fonte: Censo Agropecuário de 1980 (tab. especiais).

Nos estabelecimentos familiares puros, observa-se uma clara diferenciação no uso de tratores entre os menores e maiores de 10 ha, estes últimos apresentando valores muito maiores que a média da categoria. Aí encontram-se, provavelmente, muitos dos estabelecimentos chamados de *farmers* (puramente familiares mecanizados).

Outro aspecto que diferencia bastante as categorias é o resultado econômico bruto da produção, medido a partir de dois indicadores indiretos de produtividade: o valor da produção por hectare e por pessoa ocupada.

O caso mais extremo é o dos estabelecimentos de menos de 2 ha (do grupo das empresas capitalistas) que apresentam um rendimento da terra que supera em mais de 10 vezes a média geral e não é acompanhado nem de longe por nenhuma das outras categorias. No entanto, esse grupo mostra um dos menores valores para o outro indicador (valor da produção em relação ao pessoal ocupado), abaixo da média geral dos estabelecimentos. Dos dois pontos de vista, portanto, esse grupo aparece quase como um *outlier* em comparação com os demais grupos. Um resultado desse tipo seria esperado, por exemplo, em produções superintensivas no uso da terra, e altamente absorvedoras de força de trabalho, como a horticultura.

Uma situação mais atenuada, porém semelhante, aparece nos estabelecimentos familiares puros de menos de 10 ha, que combinam alto valor da produção por hectare

com baixo valor por pessoa ocupada. A diferença com os familiares puros de mais de 10 ha é marcante, pois neste subgrupo a produção por hectare reduz-se drasticamente, ficando abaixo da média geral. O valor da produção por pessoa cresce, mas mantém-se muito abaixo dos grupos empresariais. Nestes, os rendimentos da terra são menores, mas há uma inequívoca superioridade dos rendimentos do trabalho, com valores que atingem até duas ou três vezes os observados nos primeiros grupos familiares.

Tanto as empresas intensivas como as extensivas mostram um desempenho, segundo os indicadores usados, muito semelhante entre as familiares e as capitalistas, levando a pensar que as formas de organizar a produção e valorizar o capital investido devem ter mais pontos comuns do que divergentes, entre essas duas categorias.

4. CONCLUSÕES

A proposta central deste trabalho foi mostrar a possibilidade prática de separar, por meio de dados secundários, os diversos tipos de unidades produtivas na agricultura, com ênfase na produção familiar, que se sabe ter sofrido um intenso processo de diferenciação social com a consolidação do novo padrão agrícola brasileiro a partir dos anos 70. Em outras palavras, o trabalho procurou mostrar a possibilidade de construção de uma *tipologia* da produção na agricultura com dados censitários do IBGE.

Mas a mera descrição dos “tipos” assim construídos – num total de 8 grupos básicos de estabelecimentos – enseja, ao final, uma série de questões e constatações que merecem ser retomadas.

Em primeiro lugar, deve ficar claro que os grupos de unidades definidos têm provavelmente limites fluidos entre si no que se refere a outras variáveis que não sejam o próprio critério de agrupamento (este, como se viu, é o peso do trabalho contratado no conjunto da mão-de-obra utilizada). Caso exemplar é o da “modernização” ou da tecnologia empregada: embora tendencialmente (no sentido estatístico) o grupo das empresas familiares seja mais modernizado do que o dos familiares puros, é claro que pode haver – e certamente há – empresas familiares totalmente extensivas ou especulativas e pequenos produtores puramente familiares tecnificados. Outro caso exemplar seria a questão da propriedade produtiva x propriedade improdutiva: não se pode afirmar, por exemplo, que todas as unidades classificadas como capitalistas extensivas constituam “latifúndios improdutivos”, assim como não se pode negar que entre os pequenos estabelecimentos existem muitos ineficientes e mal explorados.

Deve-se, pois, tomar o cuidado de ater-se aos critérios que definiram as categorias, se se quer manter os limites rigorosamente estabelecidos. Qualquer ilação em relação a outras características dos grupos deve ser sempre feita em termos de condições médias ou tendências. Na verdade, a maioria das análises desenvolvidas no trabalho foram realizadas com essa perspectiva. Resgatando, então, algumas constatações decorrentes das definições

adotadas e outras baseadas em observações de tendências gerais, pode-se assim caracterizar brevemente cada um dos grupos de estabelecimentos:

a) estabelecimentos puramente familiares

Constituem mais de 2,2 milhões de estabelecimentos agropecuários, abrangendo 37% das pessoas ocupadas na agricultura brasileira. São unidades geralmente pequenas, que absorvem, em média, o trabalho de quase 4 pessoas⁸.

a.1) pequenos estabelecimentos familiares puros (com menos de 10 ha)

Quase 1,4 milhão de estabelecimentos familiares puros têm menos de 10 ha, estando sua área média em 3,4 ha. Embora abriguem mais de 20% das pessoas ocupadas na agricultura (4,7 milhões de pessoas), esses pequenos estabelecimentos têm uma ínfima contribuição no valor produzido, mesmo porque ocupam apenas 1,3% da área total dos estabelecimentos. Embora apresentem um grau de autoconsumo elevado (23% do valor da produção), sua vinculação ao mercado de produtos é fundamental na composição de suas receitas (96% das receitas provêm da venda de produtos). Operam, em média, com elevadíssimos rendimentos da terra e baixa produtividade do trabalho.

a.2) estabelecimentos familiares puros de mais de 10 ha

Embora utilizando exclusivamente mão-de-obra familiar não-remunerada, como o grupo anterior, este grupo apresenta tamanho médio bem maior (49 ha), maior uso de trator (ainda que em apenas 7% dos estabelecimentos) e maior produtividade do trabalho. O valor da produção por hectare, porém, é bastante baixo. O grau de autoconsumo é o mais elevado de todas as categorias (26,3% do valor produzido), mas a venda de produtos compõe a quase totalidade das receitas.

b) estabelecimentos familiares com temporários

Este parece ser um dos grupos com pouca "identidade", ou seja, apresenta características de certa forma intermediárias entre os grupos familiares puros e os empresariais. Provavelmente deve haver grande heterogeneidade interna neste grupo, mas simples cortes de área não revelam claramente essa situação, razão pela qual optou-se por manter a agregação original. O uso de trator e a produtividade nesses estabelecimentos são menores do que nos familiares puros de mais de 10 ha, embora as áreas médias estejam bastante próximas. Não se exclui, no entanto, a presença de estabelecimentos

tecnificados e modernos neste grupo, embora provavelmente a grande maioria esteja mais próxima dos familiares puros do que das empresas. O elevado autoconsumo (18%) e o pequeno número de empregados temporários por estabelecimento (1,4 em média) são aspectos que reforçam essa conclusão.

c) as empresas

As empresas familiares e capitalistas constituem o segmento mais moderno da agricultura, operando com elevados níveis de produtividade do trabalho (embora não se possa dizer o mesmo da terra), em grande escala e com alto uso de mecanização.

Podem-se separar dois grupos básicos de empresas, seguindo o critério de uso de mão-de-obra familiar não-remunerada: as empresas familiares, que absorvem em média 3,7 pessoas da família por estabelecimento, complementando essa força de trabalho com mais 5,7 pessoas contratadas; e as empresas capitalistas, que utilizam em média o responsável e mais 3 pessoas contratadas por estabelecimento. Cada um desses grupos foi a seguir subdividido, como segue:

c.1) empresas familiares

Embora ocupando pessoal familiar não-remunerado de forma significativa (39% da mão-de-obra total), este grupo tem mais similaridades com as empresas capitalistas do que com os outros grupos familiares. Sua área média (213 ha), grau de mecanização e produtividade do trabalho mostram que, embora assentado no trabalho da família, este grupo encontra-se num patamar qualitativamente diferente dos dois primeiros grupos apresentados. Os assalariados permanentes representam quase um quarto do pessoal ocupado total; o autoconsumo cai sensivelmente (9% do valor da produção); o uso de tratores é bem maior: em resumo, um grau de modernização bem maior que o dos grupos anteriores.

Nem tudo, porém, é tão “produtivo” neste grupo. Separando os estabelecimentos de mais de 500 ha sem trator e denominando-os de extensivos, têm-se dois subgrupos completamente distintos na categoria das empresas familiares:

c.1.1) empresas familiares extensivas

Destinadas basicamente a atividades extensivas (pecuária, extrativismo) e especulativas (reserva de valor), ocupam quase 14 milhões de hectares, onde está menos de 1% das pessoas ocupadas e onde são gerados apenas 2% da produção agropecuária nacional. É desnecessário dizer que o rendimento da terra é aí baixíssimo e que seu tamanho médio é exageradamente grande (1.424 ha por estabelecimento).

c.1.2) empresas familiares intensivas

Este sim é o segmento moderno de ponta da agricultura brasileira, junto com as empresas capitalistas intensivas. Dele provêm 14% da produção total e aí encontram-se cerca de 20% da frota nacional de tratores agrícolas. Contudo, menos de 10% das pessoas ocupadas desfrutam destas condições mais modernas da produção.

c.2) empresas capitalistas

Ocupam quase 60% da área total da agricultura, absorvem 48% dos tratores e geram 50% do valor da produção, com apenas 26% do pessoal ocupado total. São grandes estabelecimentos, operando com alta produtividade do trabalho, mas de forma mais extensiva do ponto de vista do uso da terra.

A heterogeneidade interna deste grupo é mais forte ainda que a do grupo anterior. Além disso, foi necessário separar o grupo dos estabelecimentos de menos de 2 ha. Podem-se, então, classificar propriamente como empresas capitalistas os seguintes tipos:

c.2.1) empresas capitalistas extensivas

Apresentam, em média, 1.777 ha de área, ocupando em conjunto cerca de 60 milhões de hectares, dos quais provêm apenas 9% da produção total. Os rendimentos da terra são reduzidíssimos e estes estabelecimentos podem, sob todos os pontos de vista, exceto a composição da mão-de-obra, ser agrupados com as empresas familiares extensivas sob a rubrica geral de segmento "improdutivo-especulativo" da agricultura brasileira. Ele controla nada menos que 74 milhões de hectares, para fornecer apenas 11% da produção agrícola nacional.

c.2.2) empresas capitalistas intensivas

Exceto da perspectiva da composição da mão-de-obra, apresentam grande semelhança de perfil e desempenho com as empresas familiares intensivas, porém com índices um pouco inferiores de mecanização e rendimento da terra. Mas este grupo gera, sozinho, 40% da produção agrícola total.

d) os estabelecimentos de menos de 2 ha sem mão-de-obra familiar

Este grupo constitui uma espécie de resíduo da classificação adotada e, embora numericamente importante (mais de 300 mil estabelecimentos), é absolutamente insignificante na estrutura produtiva do campo, em termos de Brasil. É possível que em algumas regiões (e, especialmente, microrregiões) de predomínio de atividades hortícolas sua contribuição produtiva ganhe alguma expressão.

Para finalizar, cabe esclarecer que os dados apresentados têm uma grande variação regional, notadamente quanto ao peso relativo de cada categoria e os níveis de produtividade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as sugestões e comentários do Prof. José Graziano da Silva a uma versão preliminar deste trabalho.

NOTAS

¹A rigor, esse grupo é formado por empresas que ou têm administrador (caso em que se trata, de fato, de empresas capitalistas) ou apenas o responsável dirige a exploração, sem ajuda da família. Neste último caso, porém, pode haver um resíduo, formado por pequenos estabelecimentos onde só há um responsável que trabalha sozinho ou com ajuda eventual de terceiros, mas que não explora trabalho assalariado de forma permanente, não podendo ser qualificado como capitalista. Admite-se, no entanto, que seu peso econômico é suficientemente baixo para não comprometer a análise. Como será visto, foi possível, a partir de um corte de área (2 ha), obter uma boa aproximação desse grupo residual.

²Na maior parte das vezes esse procedimento não causou distorções, mas no cálculo da produtividade do trabalho o viés tomou-se evidente, pois os grandes estabelecimentos não mecanizados devem possuir produtividade do trabalho muito menor do que a média. Em função disso, a informação foi omitida neste trabalho.

³Esse número médio era de 4,8 pessoas em 1980.

⁴Vale a pena investigar até que ponto a separação dos dois tipos de empresa tem relevância (teórica e prática), ponto que não será aqui abordado.

⁵Como, por exemplo, a busca de um excedente da produção que viabilize ao menos a reprodução das condições de sobrevivência da família e da unidade produtiva.

⁶Majoritariamente, e não exclusivamente. Certamente encontram-se, nos outros dois grupos, segmentos altamente modernizados. Casos típicos podem ser exemplificados com produtores integrados a agroindústrias (avicultura, por exemplo) ou produtores de soja totalmente mecanizados (casos de estabelecimentos familiares puros), ou com os produtores de algodão da região de Campinas que, apesar de bastante tecnificados e modernos, utilizam apenas a mão-de-obra familiar e empregados temporários. Isto, de certa forma, está expresso na porcentagem de tratores presentes nesses estabelecimentos (cerca de 33% do total).

⁷Uma vantagem desse procedimento seria a redução do imposto sobre a renda, pois abre ao proprietário a possibilidade de lançar, ilícitamente, também outras rendas na cédula G.

⁸Considerou-se o total de pessoal ocupado independente de sexo, idade e posição na ocupação. É de se supor que quanto maior for a participação de empregados menor deverá ser a participação de mulheres e crianças.

KAGEYAMA, A. & BERGAMASCO, S. M. P.— *The structure of farm production in 1980. Perspectivas, São Paulo. 12/13: 55-72, 1989/90.*

ABSTRACT: This paper proposed, from special tabulations of the Agricultural and Livestock Census of 1980, a typology of the productive units of Brazilian Agriculture, showing the major economic characteristics and importance regarding the national agricultural production.

KEY-WORDS: Typology; productive unit; family labor; national agricultural production; capitalist agriculture.
